

Aproximando humanismos...

Pedro Baptista*

Momento do jubileu de um professor que se impôs pelo timbre dialogal, pela queda pedagógica, pela bondade didática, pela empatia irradiante, a marcar uma obra reflexiva sempre orientada para o aprofundamento científico e para o tentame de sistematização conceptual. De um académico frontal, que nunca se furtou, pelo contrário, aos desafios mais questionantes em cada tempo concreto do seu tempo, entendido como o do pensamento cristão. Também o momento sintético de um pensador que, felizmente, por o ser e enquanto tal, não tem jubilações possíveis! Nem poderia suportar qualquer tipo de cerramentos que o reduzissem à inação de um pensamento finito, uma vez que, toda a obra, mesmo quando aponta caminhos com inícios bem definidos, que não esgotados, é uma via aberta na interrogação e no confronto dialógico assentes, todavia, num vasto lastro de ensaio de comunhão emocional.

Neste sentido é pouco falar de uma via, antes talvez de um caminho que se reconstrói ao reencontro de um momento histórico, mas se faz, ou mais propriamente se pretende fazer, sem uma determinação prévia inquestionável, erigindo a liberdade como essencial molime, embora se descortine, de forma quiçá inexorável, os tracejados do destino, de um destino. Mas a articulação entre os dois termos é, por si, um tema reflexivo que o pensador, tratando-o a seu modo, em caso nenhum enjeita...

* Investigador no EWIAS – East West Institute for Advanced Studies, no IF da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, no CEPP da Universidade Católica Portuguesa e no CDH da Universidade do Minho.

Não há teoria moderna que não seja elencada, vistoriada e, em muitos casos, classificada, na peleja, por vezes frontal, por encontrar uma nova via para a Teologia, que evite a sua queda irreversível num gueto em relação à vida social envolvente, num momento em que esta se constitui por uma multitude infindável de componentes culturais criando um intricado praticamente insondável e completamente diferente do passado, onde só há espaço para o pluralismo.

Por isso, o nosso comentário também só pode ser crítico e frontal. Arnaldo de Pinho não merece qualquer afastamento da postura científica da fala desassombrada das convicções sentidas...

Marcado indelevelmente pelo pensamento hermenêutico de Ricoeur e pela crítica da modernidade efetuada por Heidegger, Arnaldo de Pinho debruça-se, geralmente com minúcia, sobre teólogos e filósofos, hermeneutas religiosos e profanos, que denota conhecer profunda, sistemática e criticamente como Dilthey, Schleiermacher, Kierkegaard, Moltmann, Pannenberg, Bultmann, Metz, Barth, Rahner, Von Baltasar, Manigne, Gadamer, entre muitos outros, para não falar de Nietzsche, de Hegel, de Kant, de Platão, ou dos outros clássicos.

Trata-se de salvar a teologia, mesmo que para isso seja necessário alinhar com a limitação do seu âmbito (a par e par com a filosofia) e com a abdicação de qualquer veleidade totalitária ou totalitarizante em relação ao conhecimento. Poderá, todavia, manter a pretensão a ser ciência na medida em que pode ser capaz de estabelecer os seus critérios de verdade. Mas ser ciência não é ter resposta para tudo como na teologia dogmática medieval.

O caminho é novo. A teologia tem-se manietado no impasse vicioso entre um ramal que sobrevalorizará a cultura em detrimento da vivência da Fé e um outro, algemado a um tradicionalismo dogmático incapaz de aceder ao experiencial, que se nominará como objetividade da Fé. Agora é olhar a teologia a partir de uma exegese da simbólica religiosa e da vivência do crente, ínsito no historial contingente do homem mas liberto de qualquer cultura de determinantes face aos quais deve ousar transgredir, o que permitirá alcançar, em rutura com o dogma, uma nova visão desliteralizada, desta feita dinâmica e criacional, da Revelação, na linha de Heidegger quando pretere a abordagem metódica do ente à criação poética.

Uma teologia para reproduzir o que aconteceu segundo os primeiros testemunhos da palavra de Deus tornando-o simultaneamente presente, isto é, contemporâneo, pela ascensão do facto histórico a princípio hermenêutico!

Todavia, a leitura da significação será feita pela Fé. Que é o que fica, considerada a queda da teologia metafísica. Então o que é a fé? Reduzir-se-á no fundo à consciência, compreendida não como a chamada consciência

racional, mas enquanto consciência concreta do cristão ou do judeu, do islâmico ou do budista, do crente ou do não crente, do teísta ou do ateu? Onde se poderá ainda introduzir, presumivelmente no seu topo, ou no seu cerne, a sede da religiosidade individual como o motor da vontade para o exercício das determinações morais? É a fé a convicção de uma moral? Fé de um caminho encontrado mas de um percurso sempre renovado e posto à prova na dinâmica da vida individual e social?

Se assim for, bem perto uns dos outros estão os humanismos, porque o Grande Evento histórico será uma iluminação, talvez apenas uma inspiração, luz de uma assimilação que se concretiza na leitura criacional ou, simplesmente, na criação das sinaléticas poéticas conforme o nosso contexto cultural. . .

Uma teologia não-metafísica capaz de se apresentar como ciência, de requerer um estatuto científico!? E, contudo, uma ciência pode ser perfeita na sua estrutura lógica, definir o seu objeto, tanto até "ser mesmo" uma ciência e, pelos seus fundamentos, ou pela falta de solidez destes, não ser mais do que uma quimera. Até porque a extensão do conceito de ciência é incontornável e, literalmente, incontornável!

Nada a esmorecer Arnaldo de Pinho! Pelo contrário, pois para si o importante decorre sempre, não do dogma, mas do renovo ininterruptamente criativo da imagética axial de Jesus Cristo e como tal da própria Revelação permanentemente recriada, curiosamente. . . pelos homens.

Na história releva-se e revela-se um acontecimento único: o da morte e da ressurreição de Jesus!

O que Alain Badiou, enquanto ateu que espera constituir um triângulo paulista com o católico Stanilas Breton e o protestante Bornkamm, denomina de *point fabuleux* e *point de fable*.

Todavia para Paulo ou para S. Paulo, parece pouco ou nada importante a realidade ou a veracidade desse acontecimento. Despiciendo. Interessará outrossim é o que daí partirá!

Para Arnaldo de Pinho, haverá um sentir similar, uma vez que a verdade do momento é uma questão de Fé, tal como poderá ser uma questão de Fé ou de inexistência dela, o interesse em refletir sobre a sua própria veracidade enquanto facto histórico.

Mas como será possível nos tempos que correm cerrar os ouvidos e os olhos, desviar a mente, no sentido de fugir à interrogação? *Credo quia absurdum*?

O que será esta fé? Uma emoção? Um sentimento? Uma intuição? Encerrará ela uma grande verdade? A Verdade?

Postulemos que as grandes verdades serão indizíveis, uma vez que sendo capazes de as intuir seremos incapazes de as discorrer. Mas como então

alicerçar dialogicamente essa intuição se ela não for, mais cedo ou mais tarde, a espoleta do discurso, mesmo que se imponha, como condição intrínseca, a sua pluralidade? Que credibilidade para o nosso tempo de uma intuição pretendida, incapaz de se traduzir em seja o que for de dialógico e transcendental?

Resta a Fé, enquanto fé, não se sabendo muito bem o que possa ser, inacessível ao comum dos mortais... embora Arnaldo de Pinho parta exatamente de uma realidade em que ela é partilhada pela comunidade a partir da história objetiva a ponto de a fazer um facto!

Mas será a veracidade do facto uma questão importante e, sobretudo, inultrapassável? Será importante acreditar ou sentir, sabendo-se mesmo que os dois vetores, crença e sentimento, são muito distintos?

Queiram-na ou não inultrapassável, a interrogação é uma exigência inelutável do nosso tempo comum. Como se poderá a Verdade arvorar a partir de algo que nem verdade consegue ser? Bastará a realidade de um momento, que não logra ser mais nem menos do que *fabuloso* e que se cimenta numa indiscutível realidade histórica de dezasseis ou dezassete séculos, os cinco últimos dos quais auferindo de uma significativa, embora ainda assim relativa, universalidade? Mas essa realidade, a da crença "generalizada" no Grande Evento Histórico da Reencarnação e da Redenção, como se implantou no mundo cristão, aliás edificando-o? Foi uma intuição que se alargou pelo mimetismo intrínseco da mensagem, ficando-nos ainda a questão de saber como pode uma intuição indiscorrente transformar-se em mensagem? Foi pelo mistério, "pelo poético rumo ao mistério do ser", como afirma António Ferreira Gomes? (*Uma Cristologia*, p. 129). Uma história que se inicia num mistério, apresentando-se como categoria fundamental da revelação de Deus? Ou a história da expansão europeia dá-nos outras versões da edificação do cristianismo, e em particular da Igreja Católica, no mundo?

Se, como cita de António Ferreira Gomes, os homens preferem, desde Constantino, o Cristo-majestade ao sentido da Redenção, sendo precisamente essa tendência falsificadora que a Igreja (ainda em 1976!) tem de combater, em favor da acentuação da Teologia da Cruz... (*Uma Cristologia*, p. 139).

É verdade que as pontas dos saberes mergulham todas elas nos mistérios, como é evidente... mas tal não implica Deus, nem qualquer cristologia... apenas o sentido do devir...

E todavia Arnaldo de Pinho parte precisamente de uma considerada realidade da Fé entre os homens numa história que, no fundo, se inicia, ou se reinicia, há apenas dois mil anos, num novo tempo imaginário também ele sacado aos tempos do tempo, incluindo o bíblico, e ao homem religioso de sempre, para ser sustento e alicerce do excursus social.

Sobre este ponto basilar que se considera encerrado, mas que o filósofo, por natureza, permanentemente fenderá, sangrando o teólogo em questionação sobre o fundamental ao problematizar a onticidade do enigma ou da fábula, se edifica o pensamento de Arnaldo de Pinho, seja quando reflete diretamente sobre os *ontos* envolventes, na núbila ascensão aos céus ou na diáfana e "científica" dedução da descida terrena, seja quando se acopla à cristologia de António Ferreira Gomes na análise crítica, profunda, brilhante, lucidíssima e, diríamos, criativa, da sua obra maior.

Uma teologia da esperança, em torno do *adventus Christi*, entendido à maneira vieiriana, como uma história do futuro, opção pelo meio termo como superação dialética no diálogo entre correntes contrárias, desta feita, à moda da Escola do Porto, onde é sensível, como em toda a obra, não só o peso do pensamento filosófico, ontológico e teológico, de Leonardo Coimbra, como também, e talvez sobretudo, a presença das suas apreensões poéticas intuitivas.

Que importa afinal tudo o resto? Que importam os fundamentos ônticos se a iluminação empolga o homem de fé, todo ele agora também criacionista?

Deus, afinal, não só é re-criado, criado pelo homem não à sua imagem mas à da projeção espiritual do seu desejo, isto é, do seu melhor desejo.

Os humanismos aproximam-se...

Se podíamos dizer que os separavam a existência ou não de um Altíssimo e a atitude do homem perante Ele, podemos agora com Deus em Cristo reconhecidamente filho do homem, filho da sua leitura e da sua re-criação, como sempre foi, fazendo-se filho de Deus, aproximar os humanismos ainda mais, mesmo que não os identificando nem fundindo, de tal forma díspares serão, aparentemente, as matrizes iniciáticas.

Pouco importa, para Arnaldo de Pinho, que o mito seja uma ilusão. Importa é o restauro da sua significação.

Depende, dizemos nós, porque se assim é, se tudo depende de nós e portanto da nossa livre determinação, o sentido hermenêutico só pode ser orientado pela nossa própria consciência, em autonomia e liberdade, mesmo que fundindo-se na capacidade poética para lograr captar as intuições dos instantes.

Mas esta poética da Fé está, se livre, na consciência, muito perto da poética sem Fé ou com uma fé de recorte meramente humanista e se, idêntica à cristã, não precisa de procurar a sua fundação em uma revelação ou em qualquer grande evento redentor deixando-nos a história aliás, neste campo, um naipe largado de opções...

A verdade é que neste diálogo com Arnaldo de Pinho, Deus e os homens se aproximam. Do nosso ponto de vista, já se fundem na congregação familiar, não mais piramidal, mas horizontal, dialética e sinérgica...

Não é por acaso que, em conformidade, o diálogo entre o que nos chega das veredas de Marx e das veredas do Senhor é possível sobretudo centrado sobre a prática política, na missão, mais do que sobre as suas hermenêuticas. Até porque talvez sejam apenas atalhos de um maior e mais original grande caminho que todos procuramos e talvez nunca encontremos a não ser, precisamente, no encontro dialógico. Uma larga estrada, portanto...

É a partir da transcendência aberta pela significação universal da "união hispostática", ou seja, afirmando a geração do homem a partir da significação universal de Jesus Cristo, que António Ferreira Gomes, estudado por Arnaldo de Pinho, critica o Humanismo do homem emancipado pela criação de si mesmo, onde verá o marxismo, o vitalismo e o que apoda de "unidimensionalismo cristão" (*Uma Cristologia*, p. 122), mas poderia também vislumbrar várias outras correntes do pensamento ateu e em particular do explícito humanismo ateu.

Poder-se-ia redarguir no diálogo que se impõe, que no humanismo ateu não é o homem solitário que se faz por si mesmo em solidão e para a solidão mas, pelo contrário, o que, pela solitude do livre e autónomo exercício da consciência se torna solidário, ou seja, se faz solidário por si e não a reboque da significação universal de Jesus Cristo ou de outro grande evento histórico de qualquer jaez, para seguir a terminologia utilizada.

A transcendentalidade no humanismo ateu resulta precisamente desta exteriorização que é também universalização e, todavia, mantém-se imanente em a Humanidade, sem dela se alienar. O homem livre no humanismo ateu é o que não sente a necessidade de Deus, embora também para ele lhe fosse cómodo abdicar do peso da liberdade e da consciência solitárias, optando por um seguimento de um sinal que, todavia, com esta nova linha teológica, mantém o homem criativo e responsável, não fosse ele, afinal, se não distorcemos o entendimento, o sacerdote do oráculo, o hermeneuta do sinal, o criador do passado e do futuro.

De resto, convém sublinhar o inconveniente da tentadora – e talvez incontornável – dicotomização entre o marxismo e o cristianismo, particularmente em questões relacionadas com a existência ou inexistência de Deus, com a sua presença ou ausência. Mesmo que o cristianismo se pudesse autoproclamar como o detentor da patente do teísmo, em caso algum, uma corrente ideológica nascida nos fins do século XIX, há pouco mais de um século, que encarou mais do que marginalmente as questões tradicionais da metafísica, por mais popularidade que tenha entre os intelectuais em determinado momento, não pode ser identificada com as inúmeras correntes de pensamento ateu, nem tão-pouco com as várias opções do que poderemos agrupar em o humanismo ateu.

Polarização que pode, por vezes, convir às partes nas suas diversas expressões, como aconteceu pelas décadas de 60 e de 70 do século passado, mas que, todavia, nunca correspondeu aos factos.

Tal como, posteriormente, com Marx também morto ou a caminho da Ressurreição – só Deus saberá – no contexto dos ventos da democracia liberal entre nós, Arnaldo de Pinho segue analiticamente o pensamento de Ferreira Gomes em torno do ideário do Iluminismo, um filho – tal como em parte o marxismo, o leninismo e o maoísmo – do cristianismo, que a Igreja, entorpecida pela tradição e petrificada pela instituição, não foi capaz de acompanhar nos passos vigorosos e renovadores nem, por isso mesmo, ajudar a obstar aos exageros característicos dos eventos revolucionários. Como se sabe, na maioria dos casos, antes pelo contrário.

Liberalismo não é, porque não foi, para António Ferreira Gomes e, ao que se depreende, para Arnaldo de Pinho, sinónimo de democracia, sendo que uma leitura minimamente restrita do século XIX, e mesmo dos inícios do XX, tanto a nível dos factos como das doutrinas, só lhe pode dar razão em consonância com a historiografia nas suas diversas vertentes. Aliás liberalismo, república e democracia são referências nominativas bastante distantes umas das outras. O que importa é que também nesta temática social espoletada pelo advento, desta feita, do *Aufklärung*, o aprofundamento da liberdade humana dependerá do desenvolvimento da civilização cristã enquanto do amor e da fraternidade.

Doutrinariamente não é difícil a identificação do cristianismo com a trilogia revolucionária de 1789, até porque esta, como já afirmámos, é uma erupção daquele, podendo ver-se o Grande Evento histórico como uma réplica do Grande Evento fundador. Também não é difícil esperar o desenvolvimento civilizacional...

Chegados onde chegámos, pelas razões do passado, do presente e do futuro, o problema do encontro não será apenas doutrinário, teológico ou filosófico, porque nesse aspeto, pelo esforço racional do homem a dialogar discursivamente a partir das sinaléticas intuicionais com que cada um se entende identificar em si, a convergência é possível, parecendo mesmo tomar-se num facto.

O problema do encontro é, na verdade, o da significação do que cada um entende ser a sua referência primordial, ou seu sistema referencial, no contexto da vida sociocultural, ou seja o da indicação do comportamento na prática da vida social de cada um.

Ora, estar à medida dos desafios do presente, se traça grande espaços teológicos como os que preenche inovadora e brilhantemente Arnaldo de Pinho, implica a assunção de uma prática consonante em responsabilidade social, eliminando as tradições que antagonizam esse percurso, comprometendo-se,

senão já na libertação (de que houve o receio infundamentado a meu ver de libertação da própria teologia), no aprofundamento da democracia através de uma comunhão direta com os cidadãos, crentes ou não crentes, na prática social e cívica em geral e, em particular, nos momentos mais difíceis. Relação direta e concreta em que o aprofundamento da democracia passa pela assunção de todas as suas dimensões, mormente a da realização do direito de cada cidadão à vida em condições materiais suficientemente dignas, para que cada um se possa expressar sobretudo na dimensão espiritual do humano, seja no campo cultural, seja no religioso, seja no político. E para que, como poderia dizer um teólogo ou simplesmente um crente, assim possa ser um exemplo da grandeza da obra de Deus!

Mas também por um pensamento social e concreto sem peias! Se todo o mito pode e deve ser relido, recriado e revivido, por todos e necessariamente por cada um, em uma hermenêutica para a contemporaneidade, pulverizando a fixação dogmática da sua tradição, também então o tabu que lhe está numerosas vezes associado deve ser cilindrado, libertando a Igreja Católica da sua presença e propiciando-lhe as condições para uma posição credível e rendível no diálogo social e intercultural.

Poderá a Igreja Católica Romana fazê-lo? Com a sua estrutura orgânica, com a materialidade do seu conteúdo, com a sua prática histórica e com a fixidez que julga necessária face à dimensão da sua diversidade? Não sei. Sei que a obra de Arnaldo de Pinho é uma dádiva nesse sentido. Sei também que é a única via para a Igreja Católica sustentar o seu lugar no mundo contemporâneo. E a única forma afinal de re-viver quotidianamente o momento redentor.

Obrigado e bem-haja, Professor Arnaldo de Pinho, pela obra realizada e, sobretudo, pela obra a fazer.